

Samuel Rawet



# O LANCE DE DADOS



Veriente Editora



# O LANCE DE DADOS

**Três atos**  
Samuel Rawet

## **Personagens**

JONAS

HELENA

ANA

MARCOS

JÚLIA

Salão de estar, residência em Santa Teresa; cenário único.

Época - alguns anos depois do fim da II Guerra Mundial.

O LANCE DE DADOS

Três Atos

Samuel Rawet

Personagens:

JONAS

HELENA

ANA

MARCOS

JULIA

Salão de estar, residência em Santa Teresa;  
cenário único

Época - alguns anos depois de fim da  
II Guerra Mundial

# PRIMEIRO ATO

## CENA I

Jonas está sentado na poltrona, lendo um livro. A seu lado uma bandeja sobre carrinho com jogo de chá. Entardecer. Ouve-se um batuque distante, cada vez menos intenso, até que se perde. Acentua-se o silêncio e o ruído da mata.

HELENA – (Vindo da rua) É um belo espetáculo, Jonas, esse bloco que desceu há pouco. Foi uma pena você não ter querido sair.

JONAS – Já vi muitos, ainda verei não sei quantos.

HELENA – Estranho, inconcebível, esse misto de instinto selvagem e monótona tristeza a se repetir, a se repetir, a se repetir.

JONAS – Para nós, estrangeiros, é o lado mais chocante, mais absurdo, e também mais incompreensível. Monótona tristeza! Nós conhecemos a orgia, o carnaval, a farsa alucinada das máscaras, das fanfarras, mas essa tristeza!

HELENA – Vem dos pés, dos passos arrastados, das pernas, das coxas, das ancas, da cintura, dos braços, da cabeça, vem da boca essa alegria mascarada de dor. Triste. Mas não de calamidade, não de dor doída e recente.

JONAS – Vem de longe, vem do que não conhecemos nem imaginamos. (Pausa) Vem daquilo que já perdemos. A triste inocência de homem que se embebeda, canta, mata um outro homem, e continua cantando.

HELENA – No caminho vim observando uma negra imensa, gorda, com os olhos meio fechados, umas canelas finas para tanto peso. Como pisava de manso! (Imita-lhe os gestos) De leve! Como girava as nádegas! Os braços pareciam mover-se com ares de uma dama de uma corte perdida, na mais requintada dança de salão... (Cantarola) Tem pena de mim... tem... Tem pena da minha dor... Tem...

JONAS – Helena!

HELENA – (Cai em si. Sorri) Apesar do contágio, nunca poderia atingir o mesmo requinte. Seria uma contrafação ridícula.

JONAS – Nenhum de nós o conseguiria. E os requintados somos nós... (Amargo) animais enfarpelados com uma capa de cultura que se funde ao primeiro contato com uma situação limite. Então somos mais bárbaros, e sem ingenuidade, e sem pureza, e sem o orgulho sequer de sermos bárbaros... (Controla-se) Um pouco de chá, Helena?

HELENA – (Senta-se) Obrigada. Não gosto de você nesses instantes amargos... (Leva a xícara aos lábios) Bem sei que é impossível evitá-los.

JONAS – O que não daria eu para que não existissem! Afastá-los, sufocá-los, no entanto, seria trair esse mínimo de compreensão que ainda existe entre nós. Externá-los, às vezes, dá um certo prazer, não o de quem se alimenta de sua dor, de quem faz de seu sofrimento alimento e gozo, mas um prazer melancólico, um prazer de convenções como tudo o que fazemos. Lençol na cama, gravata, bom-dia, a faca e o garfo, o guardanapo. Com isso se vão os dias, os anos, e continuamos sem precisar apelar para o suicídio.

HELENA – Jonas!

JONAS – Extirpar as ilusões, foi o nosso trato, não foi?

HELENA – (Grave) Foi. Procurar recursos para que os meses passassem calmos, para que os anos nos encontrassem um diante do outro com a mesma ruga na testa que tínhamos no primeiro encontro.

JONAS – Arranjar a vida de maneira que escoasse por nós inteiramente despercebida. Cada um guardando em seu íntimo um grito hipotético, um apelo, uma queixa pelo que podia ter sido e não foi, um lamento pelo que é e não será.

HELENA – Foram essas as palavras: é a nossa floresta ante-diluviana. A única probabilidade de sobreviver é permanecer quieto, encolhido, sussurrando, para não incomodar os monstros. Nunca pisar uma folha seca, nunca arrancar uma flor do galho, nunca atirar uma pedra nágua.

JONAS – ... evitar sobretudo os grandes entusiasmos, e a visão de nosso abismo interior. Conquistar a serenidade, misto de melancolia e de renúncia, de entrega e aceitação...

HELENA – ... sem nunca esquecer o gosto dessa essência que um dia nos pingaram nos lábios, essência de fogo e sangue, miasma e terror.

JONAS – (Toma-lhe as mãos) Vejo-lhe a mesma ruga! (Beija-as) A ruga de um rosto numa mesa de bar em Berlim em janeiro de 1948. Fazia frio lá fora. Havia nevado a manhã toda, a noite, porém, estava limpa. Sentei-me à sua frente com a certeza de uma aventura iminente, que no máximo duraria uma semana. Sairíamos dali para um hotel qualquer, o encontro se repetiria algumas vezes, até que o cansaço de um dos dois, ou o silêncio saciado, nos afastaria sem maiores explicações.

HELENA – E eu raramente ia a bares. Normalmente saía do escritório que me tinham arranjado direto para casa. Era preciso fazer o jantar, pois não ganhava o bastante para comer fora. E o pesadelo começava quando nada mais tinha a fazer. As poucas horas de ócio bastavam para arruinar o dia seguinte.

A atividade me aliviava desse estado, mas ao mesmo tempo me dava a sensação de me querer atordoar, de me negar a mim mesma um direito que havia conquistado: o de remoer constantemente três ou quatro ideias que eram só minhas, me impedir de encarar-me a mim mesma a todo instante, e me aferrar a um passado do qual eu queria me libertar e ao mesmo tempo fazia questão de conservar. Às vezes odiava os que agiam como se nada houvesse acontecido. Com mais frequência me odiava a mim mesma por não saber agir do mesmo modo.

JONAS – Foi num momento desses que a abordei? Você estava dominada por uma vontade de auto-aniquilação, ou esse desejo de sordidez que às vezes nos assalta?

HELENA – (Pausa) Não. Agora reparo que há coisas inteiramente desconhecidas entre nós. Nem mesmo conhecemos certos detalhes que se ligam à nossa vida, como este por exemplo.

JONAS – (Pausa) Representa isso tanto ao lado do que conhecemos... ou do que imaginamos conhecer?

HELENA – Não. (Pausa) Nunca fui possuída por essa vontade de auto-destruição. (Pausa) Apenas teimava em buscar sentido no que havia durado, quanto? Três, quatro anos? Foi então que percebi que nem pensar sabia, nem formular uma ideia coerente, desenvolvida, com nexos, com um fim a exigir conclusões. Permanecia apenas o espanto, o medo, a certeza de que por mais que quisesse nunca me livraria de duas ou três imagens, meia dúzia de palavras. Andava, então. Percorria ruas, estacionava em praças, as ruínas me serviam de testemunhas, e tudo aquilo que para os outros representava elementos de paisagem era para mim simples apoio dos olhos, obstáculo necessário a um ritmo, elemento concreto a me dizer que não me movia entre fantasmas. Creio que em Tóquio, Buenos Aires ou Bombaim agiria do mesmo modo. No entanto já senti o prazer de um bosque, sabia distinguir um carvalho de um castanheiro, sem dar maior importância ao fato. Hoje apenas me interessam folhas, troncos... e o silêncio.

JONAS – Porisso desisti da ideia de aventura assim que pedi, com um gesto, permissão para me sentar. Quando puxei a cadeira você nada respondeu, apenas ergueu os olhos para mim, como está fazendo agora. Eu conhecia olhares semelhantes, não idênticos. Olhos de medo e fuga, pupilas de espanto e asco, reflexo de um outro lado, de um avesso, de um negrume, de uma noite ainda não dissipada. Nos seus havia tudo isso, e algo mais. O espanto. O espanto dos que possuem outra tempera, dos que, como fina porcelana, só encobrem as fendas com a morte, dos irremediavelmente condenados a não esquecer um ato definitivo, um apenas, que arrastarão por toda a parte até o túmulo.

HELENA – Por acaso seus olhos diziam outra coisa?

JONAS – Também?

HELENA – Você pediu uma bebida e me ofereceu.

JONAS – Você aceitou.

HELENA – Ficamos mudos o tempo todo, tamborilando com os dedos no tampo da mesa, e procurando alguma coisa nos bolsos, de vez em quando.

JONAS – Às vezes olhávamos para a rua, através da vidraça, e sentíamos que ali dentro estávamos bem.

HELENA – Um grupo numa mesa próxima começou a cantar, e você quase os acompanha, mas só se ouviu um pigarro.

JONAS – Saímos juntos, nem sei como, ainda em silêncio, e lado a lado seguimos até o meu hotel.

HELENA – Para sua surpresa, sem uma palavra ainda entrei também, e quando você apanhou a chave na portaria meu braço tocou levemente o ombro de seu sobretudo. Subimos, era um velho elevador, barulhento. Quando entramos no seu quarto, eu sentei-me na cama e você numa cadeira perto da janela de cortinas corridas. Com a calefação, a atmosfera era agradável, tépida. Assim ficamos até o amanhecer, sem uma palavra, fitando-nos, cada um repensando infinitamente suas três imagens, ou coisa semelhante.

JONAS – Punhamos à prova nossa capacidade de silêncios, inconscientemente. Como um pêndulo você ora abraçava a pequena esfera de um dos lados da cabeceira-baixa, ora espalmava as duas mãos sobre o colchão e deixava a cabeça sobre a nuca.

HELENA – Você cruzava e descruzava as pernas, fumava, eu apoiava o queixo no punho cerrado, ausente.

JONAS – Ausente. (Pausa) São raros os momentos em que estamos, de fato, preparados para uma sondagem no imponderável, no vazio. Sentado, agora, aqui, como estou, o que sou eu? O presente, o agora, o instante. O meu corpo é o corpo de agora, não o de antes ou depois, nem mesmo o da minha morte. No entanto, em certas condições procuramos o que não existe mais, ou nunca existiu, principiamos a descida mais árdua, sem mãos, sem pés, sem tronco. Parece-nos às vezes uma fábula que imaginamos para nós mesmos. Dificilmente chegamos ao fim. Quase sempre paramos no meio atraídos por uma luz ou uma sombra, uma ponta de rocha que nos sangra, ou uma relva que nos embala. Mas se vamos ao fundo, a cegueira é total. Empréstam-nos olhos, articulações, substitutos de pulmões, e uma senha para o retorno. E assim armados enfrentamos o avesso de nós mesmos, reatamos com os nossos múltiplos fantasmas, e os múltiplos de todos aqueles que um dia se diluíram em nossos olhos. E se existe coragem para ir ao fim, nenhum membro de nosso corpo permanece imó-

vel, a mínima cartilagem vibra, o nervo mais remoto desperta. Se o demônio fosse hoje algo mais que simples figura de retórica, diria que este foi o universo criado por ele, o espaço que Deus lhe reservou para a sua liberdade, e Satan nos fez à sua imagem, anjos, mas o avesso dos outros. (Pausa) Sim. Eu estava ausente. Bem ausente. (Pausa) Quando finalmente me ergui da poltrona havia regressado. E tudo continuava na mesma. Nada havia acontecido naquele quarto que registrasse um lampejo sequer da viagem. (Pausa rápida) E na realidade, algo sucedera? (Pausa longa) Apenas havia amanhecido.

Pausa longa. A luz principia a baixar durante a fala de Jonas, e acentua-se mais a penumbra no que se segue.

HELENA – Uma luz tênue vinha pelas cortinas, o frio lá fora deveria ser agradável assim pela manhã. Erguemo-nos, você me ajudou a vestir o capote, e descemos à procura de um café. Só então ouvi sua voz, pela primeira vez. Você me perguntou se queria algo mais além do café e do pão. Seu rosto estava desanuviado, o meu também, creio. Suportamos bem o vento gelado que nos tirava o torpor de uma noite de insônia. Pela primeira vez, depois de anos, ia observando as vitrinas, fechadas ainda, uma ou outra porta de oficina já entreaberta, o tráfego ainda ralo, as juntas do calçamento geladas. Tenho a impressão de que estávamos ambos ocos. Tínhamos feito uma longa travessia naquela madrugada.

JONAS – Eu não tinha pressa. Ia viajar às onze horas para uma outra cidade, comprar ou vender alguma coisa, já nem me lembro. Sim, eu estava oco. Naquela madrugada pressenti que com o dinheiro que tinha, e você, fosse quem fosse, poderia reatar uma vida ordenada, sem esperanças de qualquer espécie, nem projetos otimistas. Nenhum dos dois se empolgou com isso que chamam de reconstrução, renovação, nenhum dos dois cantou hinos. Nada sabíamos um do outro, apenas que cada um trazia dentro do sangue um passado não muito normal, não muito saudável.

HELENA – E quando na porta do edifício onde eu trabalhava eu lhe fiz a pergunta: sabe que sou judia?, você sorriu tão de leve, apenas com a linha dos lábios...

JONAS – Porque o mesmo sorriso estava em seu rosto quando acabou de pronunciar a última palavra. Só então percebi que os dois conhecíamos vários infernos e que a asa do anjo havia roçado nossas ilhargas... Beije-a. (Beija-a) Eu também sou, disse.

HELENA – (Ergue-se) Quase noite!... E hoje é sexta-feira! (Procura num armário pequeno dois castiçais, velas, fósforos, e dispõe tudo numa mesa de centro, enquanto o diálogo prossegue).

JONAS – Telefonaram para você ainda há pouco.

HELENA – Quem foi?

JONAS – Não sei. Pela voz parecia uma senhora idosa.

HELENA – Não deixou nome?

JONAS – Não. Não quis deixar. Insisti, mas foi inútil.

HELENA – Conheço tão pouca gente aqui, quem será? Vizinho, talvez. Nossa casa é tão isolada que raramente temos contato com eles. Não aparecesse aqui um ou outro cliente seu para jantar, eu diria que em pouco mais de um ano só tenho conversado com você.

JONAS – Há nisso alguma queixa?

HELENA – (Sorriso) Não! Ainda nos suportamos razoavelmente.

JONAS – Meus cumprimentos!

HELENA – Mesmo quando repetimos a nossa cena inicial, quando ficamos em silêncio horas e horas.

JONAS – E isso depois de trocarmos às vezes duas palavras durante o almoço, ou após o jantar.

HELENA – Bastam. São o toque de nossa condição. Lembremo-nos que somos humanos, que vivemos, e que a palavra existe. Para quê o resto?

JONAS – (Ergue-se, caminha para os fundos). Garantimos a solidão necessária de cada um, e a comunicação suficiente para afastar-nos do desespero. (Pausa) Em outras condições, poderia dizer que sou feliz.

HELENA – Talvez não. Em outras condições, talvez, solidão e silêncio nada representassem para você... nem para mim.

JONAS – Talvez. (Pausa) A tal senhora disse ainda que viria procurá-la.

HELENA – Hoje ainda?

JONAS – Tenho a impressão que sim. Pediu confirmação do endereço. Disse que estava no Largo da Carioca, perto dos bondes de Santa Teresa e eu lhe dei alguns detalhes para chegar aqui.

HELENA – (Acende a segunda vela) O melhor é esperar.

JONAS – (Fitando as velas, após pausa) Sexta-feira... A primeira estrela deve estar aparecendo agora...

HELENA – (Senta-se num pequeno banco, com os olhos nas chamas, e assim permanece). Como eu me perturbava quando o dia estava nublado e não a podíamos localizar de modo algum. Todos os gestos como que perdiam o significado. A noite só não bastava.

JONAS – Já que o dia é de reminiscências, e que cada um avançou um pouco na atmosfera do outro, posso fazer-lhe uma pergunta?

HELENA – Sobre o quê?

JONAS – Você nunca teve vontade de rezar nessa hora?

HELENA – Nunca!

JONAS – Obrigado!... (Fica de costas para o público, apoiado no parapeito da janela) Vejo-a sempre tão absorta nessa atitude que seria difícil imaginá-la sem uma prece.

HELENA – Também eu achava, no início, e procurava repetir ao acaso as palavras que costumava ouvir nessa hora. Me lembrava de poucas, o que não queria dizer nada, se pelo menos houvesse ímpetos de fé, ou coisa parecida. Com o tempo, ao contrário, transformou-se num hábito vazio de conteúdo, ou com outro talvez, dado por mim. Mais um ato afetivo, despertado pelo objeto, do que uma exigência sobrenatural. Às velas ligavam-se tantas coisas. A casa limpa, todos banhados, a toalha branca, o vinho, os cálices, o pão trançado e cozido especialmente uma vez por semana. Havia um cheiro bom na sala e em todos, e uma paz. Minha mãe envolvia a cabeça com um xale, e, diante das velas, escondia o rosto entre as palmas das mãos e orava. E chorava. Sempre. De quê? Por quê? (Pausa) Nunca sabíamos. Apenas não havia prece sem pranto. (Pausa) Só muito depois consegui definir a impressão que seu rosto me dava após a cerimônia. Quando deixava cair os braços ao longo do corpo, ainda com as pálpebras cerradas e as faces molhadas de lágrimas parecia... iluminada. (Pausa) Tinha raros momentos de ternura conosco, não dispunha de tempo, mas nesse dia especialmente nós a olhávamos com atenção maior, e nessa hora, mais que respeito, amor, tínhamos o sentimento nítido desse sobrenatural que desde pequenos nos animava. (Pausa) São esses instantes que procuro fixar, reproduzir, e o rito, mesmo formal, serve de veículo. Não, o lamento; não, a dor; não a aflição; não a tentativa de reconquistar o que em definitivo é vago, ausência, sombra, morte; mas um reencontro sereno com a outra margem, definido, presente, ensolarado, vivo; mas a calma, o prazer, a alegria. (Pausa) E de que vive a nossa solidão a não ser desses instantes, desses encontros? (Pausa) Você que nasceu e se criou numa cidade grande não tem a mínima ideia do que seja a vida numa pequena aldeia, a um dia de carroça da estrada de ferro. Algumas ruas, duas praças, a sinagoga, o cemitério, e no lado oposto, a igreja. Em que século vivemos? (Pausa) A guerra já tinha começado, e apesar disso o assunto de todos lá em casa era o meu casamento. Procuravam-me um noivo não muito exigente, já que o meu dote era reduzido. (Pausa) Nessa chama tenho às vezes ilusões de imagens. No centro dessa chama há feições disformes como as de um espelho curvo. E no entanto é chama..., ouro e fumo.

Jonas na última pausa indicada volta-se, caminha até o lado oposto das velas, encara-as e a Helena, e retira-se sem ruído.

## CENA II

Após alguns instantes, surge Ana na penumbra, de vagar, vindo de fora, e encontra Helena na mesma posição indicada acima. A partir dessa cena o temperamento de Helena se altera, fica mais nervoso, mais reticente, mais angustiado. Helena está sentada de lado em relação à porta de entrada.

ANA – (Num sussurro inaudível) Helena!

HELENA – (Ergue a cabeça sem girá-la. Como se farejasse)

ANA – (Sussurro audível) Helena!

HELENA – (Ergue mais a cabeça, ainda sem ouvir, perturbada)

ANA – (Murmúrio) Helena!

HELENA – (Gira a cabeça e o tronco e olha o vulto de Ana junto à porta)

ANA – (Murmúrio acentuado) Helena!

HELENA – (Põe-se lentamente de pé, hesita, dá alguns passos em direção à Ana, recua, avança, hesita, aproxima-se finalmente. Leva a mão fechada à boca e antes de morder o indicador expele como se fosse um jato de ar) Ana!

ANA – (Naturalidade forçada) Você ainda acende as velas às sextas-feiras.

HELENA – Sim... As velas... Ana... (Recua de costas sem deixar de fitá-la)

ANA – (Sentada) Telefonei antes, você não estava. (Pausa) Disseram-me que voltaria logo. (Pausa) Bela casa... (Pausa) A subida de bonde é agradável, a ladeira é cansativa. (Pausa. Olha as velas demoradamente. Obter trecho de oração correspondente. Utilizá-la em tradução) (Pausa. Encara com Helena que ainda não se refez e que lhe está próxima) Você está bem Helena, bem. (Ergue um braço para afagar alguma coisa).

HELENA – (Desaba aos pés de Ana e, com a cabeça no regaço, liberta um choro há muito guardado, principia com soluções entrecortados, segue-se um pranto quente e fervoroso, contínuo e grave, e finda com soluções ligeiros e espaçados)

Durante toda a cena, a velha conserva a cabeça ereta, as mãos estreitam o corpo de Helena. Ausência de lágrimas. Depois do choro, Helena se ergue e o diálogo prossegue já sem sobressaltos, apenas sua voz tende para o grave.

ANA – Há quanto tempo você não sabe o que é lágrima, Helena?

HELENA – Quatro. Cinco. Cinco anos. Alguns meses antes de terminar a guerra. Quando me tiraram do campo em que estavam minha irmã, você, Katya. Foi essa a última vez. Depois disso nunca mais consegui. Nem me foi necessário. Só agora, diante de você, me senti inundada por dentro e não pude resistir.

ANA – Se é possível ainda falar em medo quando dormimos e comemos medo, quando cada instante é medo acrescentado à esperança que vive apenas no medo, se é possível ainda falar, eu o senti quando eles a levaram com outro grupo. Tínhamos a certeza de que era o fim, o seu fim.

HELENA – Chorei, então, não pelo que perdia, ainda não realizado, mas pelo que poderia ter feito até aquele instante, porque estava certa de que era a minha morte aquela. (Pausa) Sempre vivi a hora da minha morte, e estava sempre preparada para ela.

ANA – E viveu!

HELENA – Vivi!

ANA – Nós contávamos com o acaso, a possibilidade do eleito, porque alguém sobreviveria, disso tínhamos certeza. É impossível matar todo mundo. Um pelo menos há de escapar. E nós nos considerávamos esse Um, esse eleito, e cada um via no outro o condenado, o morto, o ausente, já.

HELENA – E também você ficou!

ANA – (Pausa) Fiquei! Talvez por equívoco.

HELENA – (Pausa) Como me descobriu?

ANA – Por acaso, há duas semanas. Atravessava o largo da Carioca, e vi você descer do bonde Silvestre. Não tive coragem de me aproximar, no princípio duvidei um pouco também. Não sabia no fundo se desejava mesmo lhe falar. Temia a conversa com todas as reminiscências implícitas. Insisti na dúvida, e me obriguei a acreditar na impossibilidade.

HELENA – O que a levou a isso?

ANA – Nem eu mesma sei. O que nos diríamos? O que dizemos agora. Lágrimas. Para quê?

HELENA – E depois?

ANA – Voltei todos os dias à mesma hora, um pouco antes, certa de que a veria, e não chegaria a me aproximar. Queria rever o seu rosto, o andar desenvolto, os passos com uma direção definida. Foi inútil. Durante uma semana esperei, e você não apareceu. Anteontem você desceu, eu a segui. Você fez compras numa loja da Rua Sete de Setembro e deixou o endereço para que as entregassem em sua casa. (Pausa) Pedi ao

gerente da loja, e apesar de desconfiado, me deu uma folha de papel com a rua, o número e o telefone. Durante dois dias hesitei. Adia sempre, já que poderia lhe falar quando quisesse. (As duas mulheres se encaram. Ana alteia a voz) Como nos sentiríamos uma diante da outra, que alegria, que encanto, que prazer egoísta em nos fitarmos vivas? (Pausa) Diga-me uma coisa, você vive bem, casada, tem fortuna, de que lhe serve essa conversa toda?

Helena movimenta-se em torno de Ana, para atrás da poltrona, e apoia as duas mãos no ombro da velha.

HELENA – Eu também me pergunto. (Pausa) De que somos nós feitas?

ANA – De barro e ódio, de sopro e loucura.

HELENA – De loucura, principalmente.

ANA – Vivíamos numa pequena aldeia onde nascia e morria gente. Sabíamos que numa guerra muita gente morre. E se às vezes um bando de malucos se lançava sobre uma rua, sempre havia degolados e queimados; você não chegou a conhecer isso. Rezávamos. (Pausa) Mas, agora, agora? O que pode haver de mais abjeto, degradante, torpe... E de todos os lados só se ouvem exortações: esqueçam, esqueçam, esqueçamos todos, o futuro, confiemos no futuro. (Pausa) Eles, os que ficaram de fora, podem e devem esquecer o que nos aconteceu. (Pausa) Mas nós?... (Pausa. Baixa o tom de voz) Mas onde eu aprendi essas coisas? Eu, uma velha que só cuidava da casa, que tinha filhos e um fogão, que gostava dos sábados e da Páscoa, e cumpria os jejuns.

HELENA – O que sabemos nós do mundo? Nada! Além da infância e da morte. No intervalo pode haver tudo. E esse tudo que é apenas possibilidade, nós o conhecemos. (Abandona a posição primitiva) Duro aprendizado!

### CENA III

JONAS – (Vem do interior) Por quê não acende a luz, Helena? (Aperta o interruptor) Boa noite, minha senhora!

HELENA – Esta é a senhora que telefonou antes de eu chegar. (Ana se ergue) Meu marido!

JONAS – Prazer!

Jonas se aproxima, e Ana o encara perturbada. Estende-lhe a mão vagarosamente, e não a retira. Fita-o insistentemente.

JONAS – Helena nunca me havia falado que tinha amigos aqui. (Tenta retirar o braço, mas não o consegue; constrangido)

Se tivesse dito alguma coisa, já os teríamos convidado antes.

HELENA – Também eu não sabia da existência de Ana aqui.

ANA – (Percebe o embaraço, e recolhe a mão, sem deixar de fixar-lhe os olhos) Eu a encontrei por acaso, na rua.

HELENA – E ainda assim levou não sei quanto tempo para se decidir a me procurar.

JONAS – Mas sente-se, por favor!...

ANA – (Pausa) Não, obrigada, já estava pensando em me retirar.

HELENA – Mas Ana, você não pode sair, agora. Jante conosco.

JONAS – Fique, eu lhe peço, se não se veem há tantos anos devem ter muito sobre que conversar.

ANA – (Pausa) Não! Não temos tanta coisa assim para conversar. (Pausa. Anda pela sala sempre com os olhos em Jonas) Não sabia também que ia chegar aqui tão tarde. Preciso voltar para casa.

JONAS – Nós a levamos de carro, depois do jantar, ainda assim chegará cedo. Mora longe?

ANA – Um pouco. Acima de São Cristóvão. Eu lhes agradeço, mas é impossível.

HELENA – Marcos e Katya estão com você? Esqueci até de perguntar por eles.

ANA – (Pausa) Marcos está. Daqui a pouco chegará em casa e há de estranhar a minha ausência. (Pausa. Olhos ainda em Jonas) Katya morreu alguns meses antes de terminar a guerra. Levaram-na um pouco depois de sua partida.

HELENA – E você me diz isso sem uma lágrima.

Jonas permanece num canto, concentrado nas duas mulheres. Também ele está perturbado. Pausa.

HELENA – E o resto! Conte-me o resto!

ANA – Não há resto! É tudo igual! Todas as histórias, todos os detalhes são os mesmos. Tudo monotonamente igual. Boa-noite, Helena!

HELENA – Um momento, Ana. (Pausa) E Marcos o que faz?

ANA – Consegui uma vaga de mecânico numa oficina não muito longe de casa. Duvido que aguente muito tempo. Também ele vive entre dois pesadelos. (Pausa) E quando nos encaramos nada há a dizer, nenhum ânimo por vir de um para o outro. Boa-noite!

JONAS – Vou tirar o carro da garagem. Eu a levo em casa. (Sai rápido)

Helena e Ana se miram longamente. Um soluço seco escapa da garganta da velha.

HELENA – Você está precisando de algo?

ANA – Nada. Nada.

HELENA – Ana, o que não faria eu para ajudá-la!

ANA – Nada. Nenhuma ajuda. Deixe-me sair, Helena, é tarde.

HELENA – Você me esconde qualquer coisa.

ANA – Nada escondo. É tarde.

HELENA – Ana, você deve estar em dificuldades, e não quer dizer. Deve precisar de dinheiro!

ANA – (Segura-lhe o queixo, e depois a cabeça com o polegar e os outros dedos em ângulo reto) Dinheiro? Poderia ser. Mas não, não é. Boa noite, Helena.

HELENA – (Impedindo) Por quê essa reserva, esse tom vago?

ANA – (Brusca) Deixe-me sair, Helena. É tarde.

HELENA – O que teme dizer, quando qualquer palavra para nós nunca pode conter horror maior do que vimos ou sentimos?

ANA – Marcos deve ter chegado. Há de se assustar.

HELENA – Uma palavra, ao menos uma palavra!

ANA – (Brusca) Que palavra?

HELENA – Essa que você esconde, se nega a proferir.

ANA – Não há palavras.

HELENA – Há em seus olhos um reflexo de medo...

ANA – Não é o primeiro.

HELENA – ... uma perturbação de sentimentos recalçados...

ANA – Quantos outros!

HELENA – ... um sofrimento novo, recém despontado...

ANA – Cada dia se encarrega de renová-lo.

HELENA – Uma palavra, Ana, uma só!

ANA – Basta!... Até onde pode ir a nossa degradação involuntária? Que acaso é capaz de nos conduzir tão certo ao abismo mais repugnante? Que acaso? Como se não bastasse o passado, um dia, apenas, mas tão repleto de sordidez, um dia, um dia em que tudo aquilo que é ordem, norma, vem abaixo! Um dia com a cabeça no esterco e no fedor nos acompanha o resto da vida! Como se não bastasse o passado...

HELENA – Onde quer chegar, Ana? Por quê tão vagas palavras?

ANA – Perdido todo o contato com a realidade, até a nossa linguagem se altera. Em vez de coisas concretas, só nos fica a

expressão vaga, de lenda ou fábula. (Pausa) (Ruído de motor de automóvel) Por quê o cavalo cego cai sempre no buraco? Por quê, se a estrada é larga, e há um milhão de possibilidades de evitá-lo. (Força a saída) Boa noite, Helena!...

HELENA — (Espantada, sem saber o que fazer) Ana! (Vê a sala vazia. Mais alto) Ana!... (Corre para fora, sempre chamando) Ana! Ana!...

**PANO**

**PRIMEIRO QUADRO**

Manhã seguinte, sábado. Cena vazia. Toca o telefone.

JONAS – (Vem do interior, irritado, e hesita em atender. Atende finalmente) Alô! Alô!...<sup>1</sup> (Pausa) Alô!... (Desliga)

HELENA – (Do interior, também) Esse telefone hoje não para. Quem é?

JONAS – Deve ser a mesma pessoa que vem chamando há mais de uma hora. Quando atendo, consigo apenas ouvir a respiração, e nenhuma palavra. (Senta-se. Acende um cigarro, nervoso) Como se a palavra estivesse suspensa, pronta para sair, e no entanto suprimida.

HELENA – Você imagina quem possa ser?

JONAS – Não tenho a menor ideia. Se é brincadeira, não é lá de muito bom gosto, principalmente agora.

HELENA – (Aproxima-se e apoia as mãos em seus ombros. Olhos nos olhos) Lamento ter perturbado um pouco a paz em que vivíamos.

JONAS – Lamenta. E que posso eu fazer, perdoar-lhe? O quê? Qualquer gesto é válido. Qualquer impulso tem sua origem explicada e justificada. Resta-me compreender, apenas.

HELENA – É melhor não recomeçarmos, agora. Vamos!

JONAS – Você ainda quer ver o médico?

HELENA – Quero. São oito horas, e a consulta é às nove.

JONAS – Deixe ao menos para segunda-feira. Terá dois dias para refletir.

HELENA – Não, Jonas!... (Pausa) Pela primeira vez em não sei quantos anos quero seguir um impulso, sem raciocinar sobre a qualidade do ato que me proponho. O que resultou de uma noite de insônia não pode ser apenas devaneio, inconsciência. Há de ter uma parcela pequena talvez de nossa existência autêntica. Vamos!

Jonas se ergue. Caminham em direção à saída, quando o telefone toca. Helena fica junto à porta, Jonas faz menção de atender.

JONAS – (Após pausa e perturbação) Alô!... Alô!... Alô!... (Desliga. Permanece com as duas mãos em cima do gancho, alheado)

HELENA – O mesmo ainda? Você está sentindo alguma coisa?

JONAS – (Lento) Nada! Nada! (Pausa) Se você quisesse ouvir uma voz, ou uma palavra mesmo sem voz, depois de certo tempo acabaria ouvindo, não é verdade?

HELENA – Talvez. Talvez a minha própria, se a palavra existisse sempre dentro de mim.

JONAS – Ou se alguém a chamasse do abismo.

HELENA – Você tem alguma à espera desse chamado?

JONAS – (Pausa. Encaram-se) Haverá alguém que não tenha? Quem de nós não recalçou a ponto de esquecê-lo, por completo, esse monstro que somos sempre em um dia, pelo menos, abjeto, sórdido, grotesco. (Pausa) Num mundo sem Deus, entre que polos transitamos a não ser do abismo de nossa degradação para os píncaros de nossa capacidade de ser sublimes.

HELENA – Como era boa e calma a entrega de nós mesmos a um ente supremo.

JONAS – Quanto se enganam os que afirmam que viver sem Deus é mais fácil. O que crê, sofre para crer, e essa fé retalhada pela luta deve ser mais sublime do que a simples entrega beata. Das profundezas, das profundezas mais sórdidas recolhe um eco de perdão e de esperança. (Pausa) Sem Deus somos todos homens limitados pelo nascimento e pela morte. Qualquer ideia que procure nos fixar um sentido para além dos limites de nossa existência é apenas um substituto do que se eliminou. O que sobra somos nós mesmos, divididos, empenhados numa ação, atordoados, mas limitados pela morte inevitável. E é com o horror dessa visão que aguardamos o nosso muro. Nenhuma esperança para nossas faltas, faltas impostas por uma consciência criada por séculos de crença, e que, agora, despida desse halo, vêm com os imperativos da lei. (Tira um lenço do bolso e enxuga o rosto transtornado).

HELENA – (Olhando pelo janelão) Não quero segui-lo hoje nesse labirinto. (Pausa) É uma bela manhã! Raramente se consegue ver um céu assim azul, assim limpo de nuvens! A transparência do ar como que individualiza todas as folhas. Ouça! As cigarras!

Cigarras. Jonas aproxima-se de Helena.

JONAS – Por quê essa transformação brusca?

HELENA – Que paz, que silêncio!

JONAS – Foi Ana?

HELENA – (Vira-se) Sim.

JONAS – Mas como?

HELENA – Você se lembra de sua saída, ontem?

JONAS – Incompreensível.

HELENA – Eu na calçada tentava convencê-la, e você no automóvel acompanhava-nos lentamente. Ana não pronunciou uma palavra até a chegada do bonde. Limitava-se a olhar-nos. Quando o bonde chegou, arremessou-se no banco como se se libertasse de nós.

JONAS – Quando entramos de novo em casa, você estava mudada. Discutimos durante o jantar, discutimos a noite toda, sobre motivos que até agora procuro encontrar. Pela primeira vez perdemos mais de meia hora com um pequeno detalhe, anulamos nossos silêncios. Irritamo-nos.

HELENA – Com a chegada de Ana muita coisa entrou aqui. Sei bem que me excedi um pouco antes. Senti também que toda a vibração existente em mim não havia desaparecido na calma aparente que tem sido minha vida. Agora, um pouco mais serena, reconheço que ultrapassei certos limites.

JONAS – E então, tudo aquilo que nos aproximou já não basta para prosseguirmos.

HELENA – Não.

JONAS – A paz, a calma, a serenidade tão desejada, o nosso diálogo de solidão.

HELENA – Tudo isso é necessário, Jonas, mas incompleto. (Pausa) Confesso que fui um pouco longe esta noite, mas desse avanço, desse excesso, me ficou, já não digo uma certeza, mas uma dúvida. E é no resíduo dessa dúvida que me amparo.

JONAS – Mesmo que esse resíduo possa vir a ser motivo de uma separação?

HELENA – (Leve espanto) É a primeira vez, também, que falamos nisto.

JONAS – Considere-a apenas como uma hipótese, no momento.

HELENA – Essa hipótese anula o resto do raciocínio. É desnecessário prosseguir. (Pausa. As mãos no braço de Jonas) E no entanto, seria uma coisa bem simples para nós, fácil.

JONAS – Talvez não tão fácil, mas possível.

HELENA – (Encara-o) Nossa união nasceu de um encontro, um encontro total, e não do amor.

JONAS – Creio que há muito já conversamos sobre o fato.

HELENA – Começou com um choque que nos abriu a compreensão, e nós nos identificamos. A camada de gelo que envolvia cada um de nós fundiu-se e nos abrigamos numa tepidez de estufa.

JONAS – Veio então o seu melhor período. Tepidez, você disse bem. Sempre arrastei comigo um bloco de ruído e suor. E nunca desejei outra coisa a não ser a vida que agora levo, com

ocê. (Pausa) Sem a guerra, eu teria lutado por essa existência, e mais alguma coisa, viveria empolgado com uma causa, ou teria uma meta a atingir. (Pausa) Agora quero apenas que cada dia seja idêntico ao que passou, e o dia seguinte igual ao de hoje. A fortuna que tenho, e o que me vem dos meus negócios, me garantem essa possibilidade de envolver o meu desespero com essa tepidez de conforto e silêncio.

HELENA – (Solta-lhe o braço) E se acaso eu lhe pedisse algo que implicasse uma alteração dessa atmosfera?

JONAS – Algo como o que faz você querer procurar um médico, hoje?

HELENA – Você concordaria?

JONAS – (Pausa) Tentaria protelar, como o estou fazendo agora.

HELENA – Mas se fosse um imperativo meu?

JONAS – (Pausa) Meu pai era empregado numa grande fábrica de sapatos, e minha mãe, sempre calada, gastava o dia em remendar nossas roupas e fazer-nos a comida. Morávamos num quarto de um casarão em um bairro barulhento. Bem em baixo, no pavimento térreo, funcionava uma serraria. No outro lado, várias lojas e o ferreiro apertado num pequeno galpão. Devo ter nascido ao som da bigorna ou da serra, pois vim à luz às dez horas da manhã de uma quarta-feira de verão. Sei disso porque do pouco que se falava lá em casa, era essa uma delas. Deve ter sido um dos piores verões da cidade, pois bastava esquentar que meu pai, ao voltar suado, repetia: parece até o dia em que nasceste! (Pausa) Só muito mais tarde refleti sobre o esforço que exigia deles para poder estudar. E muito mais tarde vim a descobrir outras coisas. Descobri que eles se odiavam, e teimavam em continuar juntos por alguma determinação, ou porque não viam outra saída. Descobri que sufocava nessa atmosfera de silêncios carregada de rancores; à mesa, eu era filho único, tinha um prato entre um diálogo reprimido. Meu pai não bebia, ficava<sup>2</sup> em casa, o que era pior, pois de raro em raro cobriam-se de insultos, descarregando em meia hora o que acumulavam em semanas de rotina. Descobri depois também que existe uma coisa chamada ternura, e que as obrigações pontualmente executadas não a substituem. (Pausa) Sempre despertei com a serra ou a bigorna, ou as duas juntas. E as horas que passava em casa eram horas compostas de ruídos ou de expectativa de ruídos. Aguardava sempre horrorizado a lima do ferreiro. Eram minutos de tortura, antecedidos de horas de espera angustiada. E quando vinha tinha a sensação perfeita de que me lixavam os ossos do crânio por dentro, e que por pouco não me deixariam a cabeça em duas metades. (Pausa) Quanto mais esforço eles faziam para que eu estudasse, mais me distanciavam deles mesmos, porque tudo o que

2. No original: “fica”.

aprendia nos livros ou pela observação me indicava que estava em contradição com o que via neles, e com o caminho que me apontavam. E comecei então a desejar com energia essa paz, esse silêncio. (Pausa) Fugi de casa maldizendo os anos que havia perdido nos livros. Se nada tivesse aprendido além do que eles me poderiam ensinar, acharia meu futuro ideal a simples repetição do passado deles. Qualquer outra solução me pareceria louca. (Pausa) O resto foi uma continuidade de desatinos, angústias. Os motivos de desespero se superpunham à medida que o tempo passava. A custo consegui terminar um curso de Letras, e eis-me de mãos abanando com a cabeça presa à harmonia das esferas, e essa paz tão desejada, onde estava? onde? em que gruta, em que sótão? em que fumo? Eu era um poço de lavas, quando cheguei à conclusão de que essa paz almejada não se conquista por inteiro, mas que se forja em nossos olhos ao se abrirem pela primeira vez no berço. E cheguei às simplificações mais ingênuas, e nem por isso menos válidas: que o tempo, seja ele o que for, é irreversível para mim, enquanto eu vivo; que a minha liberdade de ação é ridícula comparada com as possibilidades que posso imaginar, sem fantasias, sem devaneios, sem delírios; que o valor de meu ato é sempre relativo a mim, e nesse mim está meu passado; e por fim, comecei a desconfiar da ausência de sentido em tudo o que se faz, quando estourou a guerra.

Toca o telefone. Helena ameaça atendê-lo. Jonas dá quase um salto para impedi-la. Os chamados continuam.

JONAS – Não atenda esse telefone, Helena!

HELENA – (Com a mão quase no fone) Algum motivo?

JONAS – (Próximo também) Peço-lhe, não atenda esse telefone!

HELENA – (Sempre com os olhos nele ergue o fone) Alô!... Alô!... (Pausa longa) Alô!... (Desliga)

JONAS – (Se afasta) Ainda em silêncio?

HELENA – Ainda. (Pausa) Que culpa você traz por dentro para temer tanto o que nem é voz, nem palavra, nem presença?

JONAS – (Após pausa) Para mim, nenhuma! Para o resto do mundo, não sei. Quantos crimes somos capazes de cometer inconscientemente. Veja um mendigo, por exemplo. Num determinado dia, a uma determinada hora ele lhe implora uma esmola. Você não ouve, ou está apressado. Imagine, porém, que há dias nada come, que há dias a caridade o deixa de lado. No instante em que ele lhe estende a mão, acumula todas as reservas de energia, tudo aquilo que tem de esperança se evola na ponta dos dedos. Você passa apressado. A mão lhe tomba. Os dedos se encolhem. E em silêncio, morre! Simplesmente, calmamente, lentamente se estende ao fio numa calçada e morre.

HELENA – (Anda pela sala, olha pelo janelão) Talvez ignorar seja a nossa condição. O fruto de todo conhecimento talvez seja sempre a dor. E o sofrimento está em que não nos podemos furtar ao choque de conceber o ignorado, e ignorar o evidente, talvez... Deveríamos plantar mais flores no jardim. Quase que só tem grama e folhagem. Veja. Aquele outro, na encosta, à direita. Como estoura de cor! Que flor é aquela, grande, branca, parece um repolho pequeno ou um cravo gigante?

JONAS – Você ainda quer ir ao médico?

HELENA – Sua hipótese ainda é válida?

JONAS – A separação? (Helena confirma com a cabeça) Por quê não aguarda alguns dias, por quê a decisão imediata e irrevogável? Esqueçamos ao menos a visita de Ana, depois...

HELENA – Não, não, ao contrário. Isso é importante.

JONAS – Não entendo.

HELENA – A visita de Ana é importante! Sua entrada como que fendeu o encanto em que vivíamos. Foi uma vibração, um jato abrasivo, uma corrente de ar batendo portas e janelas, lembrando que há portas e janelas. O desespero de Ana me fez ver que o mundo prossegue, mesmo em desespero. E o que tenho eu feito? Vivo na aceitação do que me vem às mãos. Vivo morta para os pequenos detalhes que nos enchem o dia. A casa, mesmo, nunca a encarei como um elemento de posse em que se vive constantemente mexendo. Nunca passei de uma neutralidade absoluta em relação às coisas que me cercam. Que alegria deve sentir uma mulher ao alterar a disposição das poltronas, ou ao achar horrível uma cortina que na loja lhe pareceu bonita.

JONAS – Mas, então, interesse-se. Nada disso está em desacordo com o que eu pretendo.

HELENA – Você ainda não me entendeu.

JONAS – E se passássemos algum tempo fora, alguns meses em outra cidade, em Teresópolis, por exemplo. Ainda é mais pacato que isto aqui. As noites são mais frias.

HELENA – Não, ainda não é isso, Jonas.

JONAS – Poderia alugar uma casa muito boa, junto ao parque. É belo, você se lembra, Helena?

HELENA – (Segura-o novamente pelos braços, fala-lhe bem de frente) Jonas, procure compreender que eu quero ir ao médico para saber se posso ter um filho, percebeu? Se posso ter um filho! Isso que nós vimos evitando cuidadosamente, e única condição que você impôs quando nos unimos. Com a entrada de Ana vi que só um filho poderia nos retirar desse universo de frases, dessa atmosfera saturada de decisões lógicas.

JONAS – Universo de frases!

HELENA – Só um filho nos dará esse elemento irracional capaz de nos alentar do torpor.

JONAS – Atmosfera saturada de decisões lógicas!

HELENA – Entendeu Jonas, só um filho. O resto não se altera.

JONAS – E você quer ir ao médico?

HELENA – Sim. E gostaria que você também se submetesse ao exame. Quero saber se estamos em condições perfeitas de gerá-lo.

JONAS – Você quer saber se fisicamente, você e eu, somos capazes de trazer à vida um ser fisicamente são.

HELENA – Quero.

JONAS – Se o seu corpo estiver em estado ideal, se os seus órgãos funcionarem com precisão absoluta, se meu sangue for perfeito, se meus membros reagirem prontamente a qualquer reflexo pré-estabelecido, então o filho será um modelo saudável, germe padrão, de um homem normal. É isto? (Baixa-lhe os braços com certa irritação. Desloca-se) E quanto ao resto? Suponhamos que eu não tenha outros motivos para evitá-lo, suponhamos que esse universo para mim não esteja propriamente saturado de decisões lógicas, suponhamos! O que temos nós para lhe oferecer?

HELENA – O mesmo que os outros.

JONAS – Um mundo amargo, um caminho de contradições, um beco sem saída.

HELENA – Deixemos ao menos que ele descubra tudo isso, como nós o descobrimos.

JONAS – E onde estaremos nós, quando ele o descobrir? Onde, para receber a condenação?

HELENA – Mas por esse caminho você vai ao absurdo!

JONAS – Vou, acaso já o neguei alguma vez? (Pausa) Cuidaremos de suas células, de seu plasma, quanto ao que lhe ficará na mente antes do primeiro choro, nem você, nem eu, nem o médico lhe poderemos dar a certeza. (Pausa) O que lhe ensinaremos, o que lhe diremos. Ou nós nos traímos, ou então estendemos a armadilha para que ele nela caia. Houve um tempo em que eu também desejei ter um filho. Olhava longamente para qualquer criança, e nunca podia me libertar de uma ideia: o que será tu, meu rapaz, quando cresceres, um imbecil ou um desesperado?

HELENA – (Após pausa) Por que insistimos, então, porque vivemos? Não seria mais plausível o suicídio?

JONAS – (Anda pela sala, apoia-se a uma parede) Quantos, quantos têm a coragem de conduzir ao fim a sua angústia? E agora, sim, Helena, caberia a sua decisão lógica, porque o fim

lógico e conseqüente do desespero é a morte. (Pausa) Como vê, ainda há um lado irracional entre nós!

HELENA – Mas se isto tudo é um jogo, por quê não contarmos com o acaso, por quê não deixamos que o inesperado tenha a sua voz nesse lance?

JONAS – Nós dois nunca geraremos o acaso! Sob a aparência de uma liberdade nós lhe forneceremos a bitola em que se há de mover. (Princípio de exaltação) E além do mais, que raízes lhe daremos, que raízes, nós, estrangeiros, duplamente estrangeiros, que hibridismo deixaremos em sua face? E por quê não afasta a ideia do pensamento, por quê após meses e meses de acomodação, de entendimento, isto lhe surge como tão necessário? Então nosso encontro, nossa identificação, não passou de uma farsa? O bagaço de nosso desespero serão apenas frases? (Grito) O que temos nós para lhe oferecer, o que temos, a não ser o produto de duas neuroses?

Os dois se encaram com uma expressão máxima de angústia. Jonas está parado perto do telefone. Helena se desloca na sala, sempre com os olhos nele, quando o telefone toca estão próximos.

JONAS – (Ergue lentamente o fone) Alô!...

HELENA – (Arranca-lhe bruscamente o fone das mãos) Alô! Alô! (Grito quase em tom de lamento) Alô! (Desliga. Olhos nos olhos)

JONAS – (Após pausa em que se ouvem as cigarras) A que ponto chegamos, Helena! (Senta-se, mergulha a cabeça nas mãos espalmadas. Cigarras ainda)

## PANO

## SEGUNDO QUADRO

Mesmo dia, à noite. Cena vazia, às escuras. Ruído de automóvel que chega. Passos de Jonas em direção à porta de entrada. Deixa-a aberta. Acende a luz. Entra a empregada, vindo do interior.

JÚLIA – Boa noite, Dr. Jonas!

JONAS – Boa noite, Júlia!

Jonas atravessa a cena a caminho do interior.

JÚLIA – Dr. Jonas!

JONAS – Alguma coisa, Júlia?

3. No original: “Sr.”.

4. No original: “forra carrinho mesa”.

JÚLIA – Dona Helena tinha me dito que hoje à noite eu estaria livre. O sr. sabe, é sábado de carnaval. Quero saber se posso sair agora. O baile começa às dez e são dez e meia agora.

JONAS – Por quê não fala com ela?

JÚLIA – Dona Helena não está em casa.

JONAS – Saiu?

JÚLIA – Logo depois do almoço.

JONAS – E depois disso não telefonou?

JÚLIA – Não! Assim que o sr. saiu de manhã ela foi para o jardim, e ficou lá até o meio-dia. Quase não comeu, no almoço. Andou de lá para cá pela casa. Estava muito nervosa. Depois alguém telefonou. Ela se vestiu e saiu. Disse que ia para a casa de Dona Ana, e que não sabia a que horas ia voltar.

JONAS – Não deixou endereço, telefone?

JÚLIA – Não sr.

Pausa entre os dois.

JÚLIA – Posso sair, Dr. Jonas?

JONAS – Pode!

JÚLIA – O sr.<sup>3</sup> deseja alguma coisa, antes?

JONAS – Quero um chá, Júlia. Depois você pode sair.

Jonas desaparece. Júlia tira da cômoda guardanapos e forra o carrinho-mesa<sup>4</sup>. Jonas entra. Já sem paletó.

JONAS – Tem certeza de que ela não anotou nenhum endereço, nenhum telefone?

JÚLIA – Tenho, Dr. Jonas.

Júlia sai e volta com o bule de chá. Jonas remexe alguns papéis junto ao telefone.

JÚLIA – Mais alguma coisa, Dr. Jonas.

JONAS – Não, obrigado.

JÚLIA – Então, boa noite.

JONAS – Você vai sair já?

JÚLIA – Daqui a uns quinze minutos.

JONAS – (Pausa) Está bem. Boa noite.

JÚLIA – Boa noite. (Sai)

Jonas toma um pouco de chá, liga o rádio e apaga a luz principal. Senta-se. Fuma. Pelo rádio, em meio a batuque frenético, o locutor descreve aos gritos o que vê junto à Galeria Cruzeiro. Surge Marcos, armado, nervosíssimo.

MARCOS – (Sussurro audível) Aumente o volume do rádio.

JONAS – (Ergue-se num salto, mas controla-se rapidamente. Desliga o rádio)

MARCOS – Apague essa luz!

JONAS – (Calmo. Acende uma outra lâmpada de mesa, mais forte, quase um foco) Pensei há pouco que fosse um assalto comum. Eu me teria assustado.

MARCOS – Mas não está assustado?

JONAS – Não! Percebi pelo sotaque, você é estrangeiro, judeu como eu, e deve estar no país há menos de um ano.

MARCOS – De qualquer modo, não se mova!

JONAS – (À vontade) Há muito tempo espero uma visita sua, sua ou de qualquer outro.

MARCOS – De que é que você é feito? Carne, sangue? Eu lhe aponto um revólver, o fim de sua vida sórdida, dessa vida que para se salvar... de que não foi capaz?

JONAS – Minha morte?... Lamento destruir-lhe a ilusão de um golpe heroico. (Pausa) Até certo ponto ainda o invejo. Ou você programou tudo lucidamente, conhecendo bem as consequências que isso lhe trará, e eu ainda o invejo pela sua capacidade de vibrar, ou você está sendo vítima de um roubo momentâneo, uma espécie de alienação, e eu ainda o invejo pela capacidade de se empolgar a ponto de perder a razão. (Pausa) Escolha uma das duas hipóteses.

MARCOS – Que espécie de homem é você?

JONAS – Se você estivesse à altura de compreender certas coisas, eu lhe diria de que espécie, ou diria que eu mesmo não sei. Mas você é um herói. E os heróis são homens de ação, não têm tempo para perder com palavras. Vamos, é a hora do epílogo. A multidão o aguarda aí fora. Ao ouvir o tiro, uma espécie de senha, ela começará a delirar, e você será carregado em triunfo pelas praças. O que espera?

MARCOS – Que espécie de homem é você?

JONAS – (Pausa. Encaram-se) Feito da mesma massa que você, apenas sem<sup>5</sup> a sua coragem. (Ajoelha-se e abre uma porta da pequena cômoda. Tira vários objetos, e vai depositando sobre a mesa) Um punhal. Um revólver. Uma corda com o laço feito. Vários frascos de tóxicos mais ou menos violentos. Uma seringa. Algumas ampolas. Uma navalha. (Pausa. Já de pé) O meu arsenal. Como vê a sua visita é oportuna. Tudo isso que aí está aguardava a minha decisão. Seu revólver, uma vez pelo menos me livra dessa decisão. Não pensarei mais sobre a utilidade ou não de um gesto.

MARCOS – (Quase histérico) Monstro! Monstro! Monstro!

JONAS – (Num grito) Atire, seu herói de merda!

Frente a frente. A mão de Marcos treme e seu rosto tem uma expressão de agonia.

JONAS – (Voz baixa) Sempre esperei uma visita como a sua, nunca me iludi. Gostaria que você me dissesse se sabe exatamente quem eu sou.

MARCOS – Sei.

JONAS – Não há possibilidade de equívoco?

MARCOS – Não!

JONAS – Com tanta facilidade você estabelece provas e julga?

MARCOS – As que eu tenho são suficientes.

JONAS – Pessoais.

MARCOS – Não.

JONAS – Ah! O herói! O homem que morre ou mata por uma ideia ou um sentimento. Nunca uma vingança própria que é sinal de baixeza e humilhação. Então lhe contaram!

MARCOS – Não tenho interesse em guardar segredos de você. (Pausa) Sou Marcos, filho de Ana.

JONAS – (Espanto contido) Marcos, filho de Ana!... Então foi isso. Ela esteve aqui ontem, me reconheceu. Sua mãe e minha mulher eram amigas. Por isso saiu daqui correndo. Helena deve estar agora...

MARCOS – ... em minha casa. Encontrei-a lá quando voltei do trabalho, às cinco horas. Estava sentada com minha mãe, chorando.

JONAS – Ana contou-lhe alguma coisa?

MARCOS – Não! Apenas eu sabia. Quando ontem à noite ela entrou em casa e mal pôde me servir o jantar, eu tanto insisti que ela acabou me contando a história. (Pausa) Saí há pouco a pretexto de dar uma volta. (Pausa) Estavam ainda sentadas, em silêncio.

JONAS – E agora está aí armado, disposto a matar um homem que se chama Jonas, ou talvez nem mesmo este nome tenha, um homem que durante a guerra, enquanto os judeus morriam, colaborou com os alemães, fez fortuna, e apesar disso, continua vivo. (Pausa) Eis a minha biografia, sumária, mas só essa lhe interessa. (Pausa) Pode cumprir a sua missão! (Pausa) Inútil esperar a cena de clemência e muito menos a razão de minha atitude nesse instante. Isso vai além do primarismo<sup>6</sup> exigido pelo seu ato. (Pausa) Não lhe dou as costas para não reduzir o valor do golpe. Mas vamos, o que espera?

MARCOS – (Inicia a fala em tom baixo, controlando a crise de nervos que irrompe no fim) Confesso que suas maneiras me perturbam, confesso que aguardava a cena da humilhação, e com ela, você estaria morto. Mas você não é apenas

cínico, ou já não é mais homem, ou... Mas você não sabe o que é ter um pouco mais de vinte anos...

JONAS – Não, não sei!

MARCOS – ... e sentir que tudo aquilo que lhe aconteceu vai marcar todos os seus gestos, todos os seus atos... você não sabe o que é ter nascido sem essa capacidade de esquecer, e no entanto, aspirar a uma paz, uma ordem, impossíveis.

JONAS – (Principia a caminhar em direção a Marcos) Uma paz, uma ordem.

MARCOS<sup>7</sup> – Com sua morte, eu me justifico. Implanto a desordem na desordem, porque de outra coisa não sou capaz.

JONAS – Se alguém o convencesse de que esse seu gesto é inútil!

MARCOS – Quando saí de casa não me preocupei com a utilidade.

JONAS – Se alguém lhe dissesse que você não é o primeiro a sentir tais coisas.

MARCOS – Sim, eu sou o primeiro, quando começo a senti-las, quando começo a pensar nelas, eu sou o primeiro.

JONAS – Se alguém lhe provasse que em pouco tempo, poucos anos, a sua atitude e a minha serão idênticas?

MARCOS – Mas agora não são!

JONAS – Se alguém tentasse, não com intenção de resgatar, auxiliá-lo no que fosse possível, alguém que talvez o compreenda um pouco mais do que você possa imaginar?

MARCOS – Dinheiro?

JONAS – Também.

Frente a frente. Marcos treme. Jonas ergue o braço.

MARCOS – E o resto? E o resto? (Marcos no fim da crise ameaça choro) Quem me devolverá um instante, um instante, de um desses dias perdidos? Hein? Quem? Quem? (Pausa) Talvez o culpado seja eu, ou o barro de que fui feito.

JONAS – (Rápido, segura-lhe a mão e lança longe o revólver) Imbecil! Imbecil!

MARCOS – (Arremessa-se sobre Jonas e os dois tombam) Porco! Eu não quero o seu dinheiro! Eu não quero o seu dinheiro! Eu não quero o seu dinheiro!

Agarra-lhe a garganta, chorando, enquanto Jonas recua com as mãos apoiadas no chão até a mesa.

JONAS – (Sufocado) Imbecil! Imbecil!

7. No original: "JONAS".

Ergue a mão e tateia na mesa até encontrar o punhal.  
Jonas apunhala-o no peito. Grito de Marcos.

JÚLIA – (Do interior, correndo) Dr. Jonas! Dr. Jonas!

JONAS – (Afasta o corpo de Marcos e se ergue transfigurado)

JÚLIA – Dr. Jonas!

JONAS – Não foi nada, Júlia! Nada! (Pausa) Apenas um ladrão! Apenas um ladrão!

**PANO**

## TERCEIRO ATO

Entardecer. Jonas está deitado num sofá. A cortina do janelão está corrida, o aposento em penumbra. Helena vem de fora e atravessa a sala. Antes de desaparecer ouve-se a voz de Jonas.

JONAS – Helena!

HELENA – Você quer alguma coisa?

JONAS – Um outro comprimido. A dor de cabeça continua.

HELENA – Vou pedir à Júlia, um momento.

JONAS – Não, não quero que a Júlia me traga o comprimido. Quero que você mesma o faça.

HELENA – É indiferente.

Tira um comprimido de uma gaveta e de um jarro um pouco de água. Serve-lhe e tenta retirar-se.

JONAS – Helena!

HELENA – Mais alguma coisa?

JONAS – Gostaria que você... (Pausa longa)

HELENA – Sim?

JONAS – Que horas são?

HELENA – Um pouco mais de cinco horas.

JONAS – Você esteve lá fora?

HELENA – Acabo de entrar, como você deve ter visto.

JONAS – Na rua?

HELENA – Não, fiquei no jardim.

JONAS – Como está o dia?

HELENA – Comum.

JONAS – Comum?

HELENA – Sim, comum. Nada de especial. Não há sinal de chuva.

JONAS – E o céu?

HELENA – Não reparei bem.

JONAS – Você não disse que não há sinal de chuva?

HELENA – Disse.

JONAS – E não reparou no céu?

HELENA – Olhei apenas para ver se havia sinal de chuva, nada mais.

JONAS – Nenhuma nuvem?

HELENA – Nenhuma.

JONAS – E a luz?

HELENA – Como sempre.

JONAS – Transparente, fria, ou um pouco turva?

HELENA – Também nada vi de especial.

JONAS – E a temperatura?

HELENA – Agradável.

JONAS – Faz frio ?

HELENA – Não.

JONAS – Aqui dentro eu sinto um pouco. Vento ?

HELENA – Nenhum.

JONAS – Nenhuma brisa ?

HELENA – Não.

JONAS – É bom quando há uma pequena brisa, um céu limpo de nuvens, e um pouco de frio quando se está num jardim.

HELENA – É bom!

JONAS – E quando a luz é bem transparente e o verde mais verde.

(Pausa) E um certo cheiro de flor.

Helena que permaneceu e tempo todo junto à porta de dentro faz menção de seguir.

JONAS – Um momento!

HELENA – Preciso arranjar umas coisas lá dentro.

JONAS – Só pode ser feito agora ?

HELENA – É melhor.

JONAS – Posso saber o que é ?

HELENA – Nada de especial.

JONAS – Não pode adiar ?

HELENA – E por quê não agora ? (Pausa) Também me dêi a cabeça um pouco. Creio que vou me deitar e ver se durmo antes de jantar.

JONAS – Por quê não procura outro remédio ?

HELENA – Qual ?

JONAS – Ficar aqui. Conversar.

HELENA – Não creio que sirva.

JONAS – Por quê não tenta ?

HELENA – Talvez piore. (Pausa) Ainda mais agora. À medida que escurece...

JONAS – Enfim, faça o que julgar melhor. (Pausa) Um último favor. Abra a cortina.

JONAS – Veja daqui uma pequena nuvem cinzenta.

HELENA – Também vejo.

JONAS – Deve ter-se formado há pouco, enquanto falávamos.

HELENA – Talvez.

JONAS – E uma leve brisa, pelo movimento das folhas, talvez recente.

HELENA – É possível!

JONAS – E o frio, parece.

HELENA – Tem razão.

HELENA – Agradável.

JONAS – Faz frio?

HELENA – Não.

JONAS – Aqui dentro eu sinto um pouco. Vento?

HELENA – Nenhum.

JONAS – Nenhuma brisa?

HELENA – Não.

JONAS – É bom quando há uma pequena brisa, um céu limpo de nuvens, e um pouco de frio quando se está num jardim.

HELENA – É bom!

JONAS – E quando a luz é transparente e o verde mais verde. (Pausa) E um certo cheiro de flor.

Helena que permaneceu o tempo todo junto à porta de dentro faz menção de seguir.

JONAS – Um momento!

HELENA – Preciso arranjar umas coisas lá dentro.

JONAS – Só pode ser feito agora?

HELENA – É melhor.

JONAS – Posso saber o que é?

HELENA – Nada de especial.

JONAS – Não pode adiar?

HELENA – E por quê não agora? (Pausa) Também me dói a cabeça um pouco. Creio que vou me deitar e ver se durmo antes do jantar.

JONAS – Por quê não procura outro remédio?

HELENA – Qual?

JONAS – Ficar aqui. Conversar.

HELENA – Não creio que sirva.

JONAS – Por quê não tenta?

HELENA – Talvez piore. (Pausa) Ainda mais agora. À medida que escurece...

JONAS – Enfim, faça o que julgar melhor. (Pausa) Um último favor. Abra a cortina.

JONAS – Vejo daqui uma pequena nuvem cinzenta.

HELENA – Também vejo.

JONAS – Deve ter-se formado há pouco, enquanto falávamos.

HELENA – Talvez.

JONAS – E uma leve brisa, pelo movimento das folhas, talvez recente.

HELENA – É possível!

JONAS – E o frio, parece.

HELENA – Tem razão.

Pausa. Cigarras. Grilos. Pássaros.

JONAS – Gostaria de ouvir uma história, agora. (Pausa) Uma dessas que nunca me contaram, e de uma voz mansa, calma. Nunca ouvi essa voz, habituei-me a criá-la dentro de mim, e cada dia lhe acrescento um detalhe, uma particularidade, um pequeno acento, um nada no timbre, um pouco menos de relevo na altura, e um vago vestígio de ternura na intensidade. (Pausa) Talvez eu mesmo gostasse de contar uma história; na verdade é isso. Mas com outro fim, compreendeu? (Pausa) Li há pouco algo sobre a maneira de se contar uma história, e confesso que exultei. Uma frase, uma frase, a vida inteira atrás de uma frase, que se esconde, se nega, se escamoteia, e eis que surge, perfeita. (Pausa) Você deve ter ouvido falar de um movimento religioso na Europa Central, há coisa de dois ou três séculos, movimento que legou a tradição de um nome lendário, de um ser santo e sábio, de um puro que exaltava a Deus com danças e cantos, alegria e embriaguez. Ouça pois a história de um discípulo deste santo. Um dia pediram-lhe que relatasse qualquer episódio de seu mestre, e o discípulo que era coxo principiou a narrar-lhes o entusiasmo que dominava o mestre quando este se punha a rezar, e de como bailava e saltitava, embriagado pela oração, e o entusiasmo do discípulo foi tão grande que em meio à narrativa ergueu-se, ele que era coxo, e bailou e saltou como o havia feito o mestre. Estava curado. (Pausa) Gostaria de contar uma história, mas onde o mestre?

Pausa. Cigarras. Grilos. Pássaros.

HELENA – (Gira o corpo, encara-o e aproxima-se dele) Há pouco tempo, bem pouco tempo, o silêncio nos bastava.

JONAS – Era um outro silêncio, sem expectativas. Bastava-se e a nós também.

HELENA – Hoje no entanto cada frase não dita é uma aresta, uma lâmina que fere ambos. Mas é impossível evitá-lo.

JONAS – Aproxime-se, Helena, dê-me as mãos. (Pausa) E foi necessário um dia inteiro para chegar a essa conclusão. (Pausa) O que pensa exatamente de mim?

HELENA – Ainda não sei. Levei o dia todo a sufocar em mim uma decisão brutal, um ímpeto de gritar, espernear, tudo isso à procura de uma serenidade para lhe poder falar apenas, com calma.

JONAS – Chegou a uma conclusão?

HELENA – Nenhuma. (Liberta as mãos) Ou várias. A primeira foi ir-se embora. Pelo pouco que conheço de você, sei que não oporia grandes dificuldades à minha partida, mesmo que me amasse, pois nenhum de nós dois suportaria uma vida em comum feita de rancores e acomodações. Ir embora, deitar raízes em outro lugar, ou nem isso, permanecer como

certas plantas, as raízes no ar. Já tive meu aprendizado de solidão, duro exercício, e com você adquiri mais alguns elementos necessários para suportá-la, uma aceitação do desespero. (Pausa) Desisti, porque tudo está ainda muito confuso, desisti com o medo de estar sendo egoísta demais. (Pausa) A segunda, foi aceitar a morte de Marcos como um acidente, e nesse caso permanecer com você, que deveria estar sofrendo mais do que eu. (Pausa) Algumas outras decisões se ligam a umas tantas hipóteses, talvez absurdas, talvez não, em que você e Marcos estariam implicados de diversas maneiras, e não sei bem de quem é a maior parcela de culpa. (Pausa) A penúltima se liga diretamente a você, e a morte de Marcos seria culpa sua, mesmo sem premeditação, pois ele é que veio procurá-lo, e a história contada por você seria apenas verdadeira pelas circunstâncias.

JONAS – (Após pausa) E a última?

HELENA – Recusar todas ou aceitar todas. A confusão. É nesse estado que me encontro.

JONAS – Lamento, embora haja agora entre nós um outro tom de palestra.

HELENA – Também já observei. E isto aumenta um pouco a confusão.

JONAS – Talvez você tivesse razão ontem pela manhã. (Pausa) Universo de frases. (Pausa) Universo de frases.

HELENA – Agora pelo menos há uma intimidade que nunca houve.<sup>8</sup> (Pausa) Antes, quando queríamos falar sabíamos exatamente o que deveríamos dizer um ao outro. (Leve sorriso) Como se tivéssemos construído, ou nos tivessem imposto, uma carapaça que não nos ia muito bem, ora larga demais, ora estreita, de qualquer modo, um empecilho. Verdade?

JONAS – Não sei. Não sei até que ponto. Um pouco imposta, um pouco construída, mas havia outra solução? É possível que com o tempo houvesse uma acomodação, ou logo no início uma perfeita identidade entre carapaça e nós. Mas não é melhor deixar isto agora? Sente-se aqui ao lado, e no mesmo tom continuemos alguns minutos, ao menos. (Sorri) Alguns minutos, apenas. (Pausa) E então?

HELENA – Você está melhor?

JONAS – Passou a dor de cabeça. E você?

HELENA – Passou também.

JONAS – Belos comprimidos. Há estoque?

HELENA – Não muito.

JONAS – Mas sempre se encomenda, não?

HELENA – Talvez.

JONAS – Fórmula complicada?

HELENA – Assim... assim...

8. No original: “nunca houve”.

JONAS - Patenteada ?  
HELENA - Não creio.  
JONAS - Não se divulga, então.  
HELENA - Não.  
JONAS - Melhor.  
HELENA - Produto fora do comércio. Uso restrito e particular.  
JONAS - (Pausa longa) Outro detalhe.  
HELENA - Sobre o remédio ?  
JONAS - Não. A lavadeira.  
HELENA - É importante.  
JONAS - Você quer pedir para ela voltar a engomar os punhos das camisas.  
HELENA - Não vêm mais engomados ?  
JONAS - Não. Há duas semanas que os punhos vêm sem goma.  
HELENA - Não havia reparado.  
JONAS - E eu não queria reclamar.  
HELENA - Não se preocupe. Na próxima semana estarão perfeitos.  
JONAS - E você nada tem a pedir ?  
HELENA - Tenho.  
JONAS - Peça!  
HELENA - Gostaria de reformar esta sala.  
JONAS - Toda ?  
HELENA - Toda.  
JONAS - Até as cortinas ?  
HELENA - Sim.  
JONAS - Eu gosto destas.  
HELENA - Você não acha que um estampado e uma cor mais clara ficariam melhor do que este verde-escuro, ligeiramente neutro ?  
JONAS - Não, não acho.  
HELENA - Desde quando você entende de cortinas ?  
JONAS - É uma opinião.  
HELENA - Reforma-se, então ?  
JONAS - Reforma-se.  
HELENA - A copa também deve ser aumentada.  
JONAS - A copa ?  
HELENA - É! Tira-se a parede do quarto de empregada e ela duplica de tamanho.  
JONAS - E o quarto ?  
HELENA - Faz-se outro, mais para os fundos.  
JONAS - Faz-se outro...

JONAS - Patenteada?

HELENA - Não creio.

JONAS - Não se divulga, então.

HELENA - Não.

JONAS - Melhor.

HELENA - Produto fora do comércio. Uso restrito e particular.

JONAS - (Pausa longa) Outro detalhe.

HELENA - Sobre o remédio?

JONAS - Não. A lavadeira.

HELENA – É importante.

JONAS – Você quer pedir para ela voltar a engomar os punhos das camisas?<sup>9</sup>

HELENA – Não vêm mais engomados?

JONAS – Não. Há duas semanas que os punhos vêm sem goma.

HELENA – Não havia reparado.

JONAS – E eu não queria reclamar.

HELENA – Não se preocupe. Na próxima semana estarão perfeitos.

JONAS – E você nada tem a pedir?

HELENA – Tenho.

JONAS – Peça!

HELENA – Gostaria de reformar esta sala.

JONAS – Toda?

HELENA – Toda.

JONAS – Até as cortinas?

HELENA – Sim.

JONAS – Eu gosto destas.

HELENA – Você não acha que um estampado e uma cor mais clara ficariam melhor do que este verde-escuro, liso neutro?

JONAS – Não, não acho.

HELENA – Desde quando você entende de cortinas?

JONAS – É uma opinião.

HELENA – Reforma-se, então?

JONAS – Reforma-se.

HELENA – A copa também deve ser aumentada.

JONAS – A copa?

HELENA – É! Tira-se a parede do quarto de empregada e ela duplica de tamanho.

JONAS – E o quarto?

HELENA – Faz-se outro, mais para os fundos.

JONAS – Faz-se outro...

HELENA – Os dois quartos e o corredor...

JONAS – Os dois quartos e o corredor? (Pausa breve) Você não pretende por acaso deslocar todas as paredes, o telhado, as janelas?<sup>10</sup> Sobra alguma coisa?

HELENA – Sobra.

JONAS – (Pausa longa) Sabe que nos últimos tempos não venho me sentindo bem?

HELENA – Você nunca me disse.

9. No original: "das camisas."

10. No original: "as janelas."

JONAS – Não sei. Talvez o estômago, ou o fígado.

HELENA – Sente dores?

JONAS – Às vezes.

HELENA – Fortes?

JONAS – Não muito. Umas pontadas também.

HELENA – De que lado?

JONAS – Direito. Imagina o que seja?

HELENA – Talvez o apêndice.

JONAS – Talvez.

HELENA – Por quê não procura o médico?

JONAS – Não sei.

HELENA – (Pausa) Se for o apêndice você talvez tenha que operar logo.

JONAS – Talvez. (Pausa curta)

HELENA – Você reparou na modificação que nossos vizinhos fizeram?

JONAS – Não.

HELENA – Instalaram um toldo de lona e um grupo de ferro esmaltado.

JONAS – (Pausa longa) Havia na cidade em que nasci um tipo bem interessante. Era baixo, gordo, forte, as pernas pequenas e arqueadas, e a idade indefinida. Durante meses trabalhava normalmente, sempre pequenos trabalhos. Entregava encomendas, levava recados, consertava o fogão, trazia lenha, entendia de animais. De repente aparecia na rua gritando, esmurrando o chapéu, dilacerando a camisa, dando pontapés nas paredes, sem sinal de dor. Eu o fitava da janela do sobrado, atrás da vidraça. Seu maior inimigo era o chapéu. Golpeava-o de todos os modos. E só dizia uma palavra, não dizia, berrava - animal, animal, animal. Às vezes calava-se por uns quinze minutos e fixava os olhos no trapo que tinha entre as mãos. Depois recomeçava. Passei uma vez mais de três horas junto à janela, sem me levantar, e gostaria hoje... (Pausa longa)

HELENA – Gostaria hoje... ?

JONAS – (Pausa longa) Por quê esmurrava o chapéu? (Pausa) Por quê esmurrava o chapéu? (Pausa) Por quê esmurrava o chapéu?

Jonas ergue-se do sofá, um pouco excitado, e dá uns passos.

JONAS – Por quê esmurrava o chapéu?

HELENA – (Pausa) Durou pouco a nossa conversa.

JONAS – Pouco, bem pouco.

HELENA – Fez um grande esforço para conduzi-la, não fez?

JONAS – Fiz.

HELENA – Senti.

JONAS – Pelo menos tentei, isso eu fiz, tentei. (Pausa)

HELENA – (Voz baixa até segunda indicação) Jonas, por quê você matou Marcos? (Pausa) Por quê você matou Marcos?

JONAS – Eu?

HELENA – Por quê você matou Marcos? (Pausa) Por quê você matou Marcos? (Pausa) Por quê você matou Marcos?

JONAS – Você já conhece a história.

HELENA – Não, quero a outra.

JONAS – Não há outra.

HELENA – Deve haver, estou certa.

JONAS – Que história você quer que eu invente, para contentá-la?

HELENA – Eu não quero uma história inventada.

JONAS – Nada mais há a acrescentar ao que você sabe. Talvez alguma excessiva coincidência.

HELENA – Excessiva, de fato. Marcos não tinha a mínima necessidade de fazer o que você diz ter ele feito.

JONAS – Aparentemente.

HELENA – Não, não. Antes de chegar a isso Ana falaria comigo ou com você. Se precisasse de auxílio, pediria, e só então, se nós o negássemos, sua atitude seria justificada.

JONAS – Seu raciocínio é muito lógico, lógico demais.

HELENA – Nem por isso tem menos possibilidades de ser verdadeiro.

JONAS – Por quê não pensa em outro, com as mesmas possibilidades de ser verdadeiro? Pense em Marcos agindo sob um impulso não tão controlado como esse outro que você imagina. Pense em Marcos e Ana; os dois em casa à noite, em silêncio, talvez não tivessem grande coisa para se dizer; pense em tudo aquilo que poderia ocorrer na mente de Marcos ao sentir o peso de um futuro incerto, ao remoer cem vezes a frustração de um passado; pense em Marcos com vinte e poucos anos e uma tal carga no corpo; pense num ato gerado num momento de desespero, e não apenas nessa confissão simples de dificuldades que você supõe; pense num gesto apenas, irracional, irrefletido, espontâneo, que, por mais abjeto que seja, traz em si uma justificativa humana. (Pausa breve) Suponha que Marcos tivesse vindo apenas com a intenção de furto, você o condenaria?

HELENA – Eu não quero julgar Marcos, agora. Ele está morto.

JONAS – Aceite a hipótese, pelo menos. Você o condenaria?

HELENA – Não sei.

JONAS – Agora sou eu quem lhe pede uma resposta concreta. Sim ou não.

HELENA – Não sei. (Pausa)

JONAS – Lembre-se de você, logo após a guerra, antes de me conhecer. Ante-ontem você me contou coisas que eu desconhecia. Lembre-se de você pelas ruas como sonâmbulo, sem conseguir fixar rumo, sem encontrar um ponto de interesse nos objetos. Procure reconstituir o estado em que você se encontrava. Anda-se, anda-se, anda-se, ruas, ruas, praças, um cruzamento, outro cruzamento, parques, alamedas, alamedas, árvores, árvores. À procura de quê, pergunto, à procura de quê? E quando se sai, sabe-se ao menos para que lado levar as pernas?

HELENA – Eu não tinha ninguém. E prorrogava o instante de me defrontar comigo mesma, novamente no quarto. Marcos tinha Ana.

JONAS – Você sabe qual o grau de intimidade existente entre os dois?

HELENA – Isso não importa.

JONAS – Como não importa?

HELENA – Nesses instantes qualquer presença basta. Um tronco, um tronco, mesmo um tronco serve se há nele alguma coisa que nos possa ligar.

JONAS – Você tem razão, um tronco, porque de antemão já sabemos que dele não pode vir censura ou resposta. Mas em vez de um tronco ponha outra coisa, mais animada. Um gato ou um cão podem nesse momento preciso nos morder ou arranhar. Mas em vez disso, ponha outra coisa. Ponha um monte de incompreensão, ou de egoísmo. Ponha outro sistema tão fechado quanto o nosso, e serão dois estranhos, hostis a qualquer identificação num fato limite, quando tudo está dito.

HELENA – Mesmo quando um deles é Marcos e o outro Ana?

JONAS – Ainda assim.

HELENA – Mesmo havendo entre eles alguma coisa, antes de ser possível o diálogo?

Pausa. Jonas se movimentava, como se fugisse de Helena. Da esquerda para a direita, crescendo e sumindo, ouve-se o batuque de um bloco que passa diante da casa.

JONAS – Quando se tem a pretensão de erguer os olhos alguns dedos acima do horizonte comum; quando se tem a ousadia de abrigar na cabeça uma ou duas ideias, mesmo tomadas de empréstimo, sem nada de original, a não ser essa

leve camada que vem da experiência pessoal; quando se aspira a uma situação de igualdade no cotidiano, mas igualdade que signifique doce e franca acolhida, é preciso que haja então um mínimo de condições para se chegar ao que se quer. Não havendo esse mínimo toda salvação é impossível. Baixar os olhos e tornar ao limbo, quando já se tem na retina a chama de infinitas possibilidades? Erguê-los sem esse lastro necessário ao menor sonho, e delirar, pura e simplesmente delirar?

HELENA – Peço-lhe, não continue nesse tom.

JONAS – O que quer afinal?

HELENA – Quero o outro lado, o avesso da história, a verdade.

JONAS – Já lhe disse. Nada há a acrescentar.

HELENA – Nada?

JONAS – Nada!

HELENA – (Ergue-se) Certo! (Pausa) Finalmente tomei uma decisão, Jonas. O que me parecia difícil, o que eu achava insolúvel, de repente se aclarou e não me exige o mínimo esforço para ir ao fim.

Helena sai. Jonas permanece junto à janela, com os olhos postos na porta interna. Helena volta com uma pequena mala, e uma capa.

HELENA – Não se espante, Jonas. Você sabia que uma das decisões era esta. Depois do almoço juntei algumas coisas nessa mala, e a deixei ao lado do armário. Levo o necessário para recomeçar em qualquer canto. (Pausa) Você que tanto gosta de se analisar, se observar, deve conhecer esse estado em que me encontro agora. Tudo começa com uma sensação de nojo, de atmosfera irrespirável, depois esse nojo passa, e vem<sup>11</sup> um cansaço, uma lassidão, em que tudo é indiferente. De repente, há como que um oco por dentro, um vazio, e então tudo é simples, sem complicações, sem sutilezas que nos possam embaraçar. (Pausa) Pela primeira vez, em não sei quantos anos, me sinto assim. Calma. Inteiramente calma. E nada disso me interessa mais. (Pausa) (A caminho da saída) Nunca pensei que fosse tão fácil.

JONAS – (Sem se mover durante toda a cena) Helena!

HELENA – Espero que você respeite um gesto apenas.

JONAS – Há certos detalhes que eu poderia acrescentar.

HELENA – Agora?

JONAS – Agora.

HELENA – Para quê?

JONAS – Não é isso o que você quer?

11. No original: “vez”.

HELENA – Não!

JONAS – Não!

HELENA – Agora já não quero. Antes, sim, antes eu ainda esperava uma explicação mais convincente. Compreenda, Jonas, antes, não agora, não nesse instante, não precisamente na hora em que estou com um pé na soleira da rua.

JONAS – Algumas palavras, ainda. Depois disso faça o que quiser. (Pausa) Você deve ter reparado na perturbação de Ana, ante-ontem, quando entrei nesta sala. Poucos instantes depois ela saiu daqui quase correndo, você se lembra, não é? O fantasma era eu.

HELENA – Ana conhecia você?

JONAS – Conhecia.

HELENA – De onde?

JONAS – Da Europa, ainda.

HELENA – Antes de nosso encontro?

JONAS – Antes, bem antes. Conheci Ana logo depois da guerra, na mesma cidade em que nos encontramos.

HELENA – E Marcos?

JONAS – Também. Disso você talvez possa tirar algumas conclusões. O que foram aqueles anos você sabe tão bem quanto eu. Confusão, plena confusão, em meio à euforia. Tudo era válido para os que haviam enfrentado a morte, em luta ou enjaulados. Destes, alguns caminharam para o futuro apáticos, indiferentes, a maioria aceitou-o como se nada tivesse havido no intervalo de alguns anos, enxugaram as lágrimas, tomaram banho, aceitaram as roupas que uma onda de ternura quase esgotada lhes remetera, e foram para a rua ouvir as últimas notícias, e lotaram os cinemas, os estádios, os parques. (Pausa) Outros, porém, e bem poucos, traziam a fúria do absoluto, do total. Nada lhes deveria ser vedado, um ano de plenitude por minuto de dor. Mil séculos não bastariam. (Pausa) Marcos pertencia a este último grupo. Conheci-o por acaso e em situação nada agradável. Morávamos no mesmo sobrado, não muito longe do centro. Marcos e Ana, no primeiro pavimento, e eu no segundo. Marcos parecia ganhar muito dinheiro, viviam bem. Uma noite eu o surpreendi entrando furtivamente no prédio, eu ia saindo. Vi gotas de sangue no chão. Marcos estava ferido. Quando voltei, um pouco mais da meia-noite, a polícia revistava a moradia deles, os dois haviam sumido, e eu nada pude acrescentar ao interrogatório. Apenas os conhecia de vista. (Pausa) Creio que de lá para cá perderam tudo o que ainda puderam salvar na fuga. Quando Ana lhe contou que me viu aqui, Marcos resolveu eliminar dois problemas de um só golpe: recursos para ele, e o meu silêncio definitivo. Antes de acontecer o que aconteceu, ele ainda teve tempo de me dizer

que nada receava. Caso fosse descoberto, tinha uma história preparada para inocentá-lo, em parte, e transformá-lo, talvez em herói. (Pausa longa) Se você vir Ana algum dia, ou ainda hoje, tenho a impressão que é para lá que você vai, ela lhe contará essa segunda história.

Durante a fala de Jonas a luz principia a baixar, e a noite se acentua. Helena se aproxima dele, e segura-lhe o braço direito. Durante a cena que se segue as feições de Jonas se alteram e sua voz ganha acentos de dor contida, mas já não disfarçada.

HELENA – Não, eu não ia nem vou à procura de Ana. Conte-me o resto.

JONAS – Pouco importa.

HELENA – Vamos, conte-me a segunda história!

JONAS – Ainda insiste em partir?

HELENA – A segunda história, vamos!

JONAS – Procure Ana!

HELENA – Não, você é que vai contá-la!

Jonas num impulso abraça-se a Helena. Ele fica de costas para o público. Helena de frente. Corresponde ao abraço com os gestos, apenas! O rosto mantém a mesma expressão de humana dureza e expectativa.

JONAS – (Quase grito) Por quê dúvida de mim? Por quê dúvida de mim?

HELENA – Não há dúvidas, quero apenas que vá até o fim, o fim, já que houve um início inteiramente inesperado para mim.

JONAS – O que espera ainda?

HELENA – Já lhe disse, o avesso, o que Marcos lhe apresentou como argumento de quase inocência.

JONAS – (Alto. Um vago pranto na voz) Por quê dúvida de mim? Não basta o que já lhe contei? Que monstro julga que sou? Que monstro? Que outra coisa pedi eu a não ser um pouco de paz, um pouco de ternura e compreensão? Que outra coisa? Eu preciso que acredite em mim, preciso, mesmo que esteja mentindo, compreendeu? Mesmo que tudo não passe de invenção minha, mesmo que seja um argumento forjado por mim para prender você, compreendeu? Mesmo que seja falso, mesmo que revele uma fraqueza, mesmo que deixe transparecer vestígios de sordidez, compreendeu? Um pouco de paz, um pouco de silêncio, um pouco de compreensão! É disso que preciso! Eu não quero mais saber de histórias! Eu não quero mais saber de histórias! Está ouvindo? Quero que saiba de uma

12. No original: “Então”.

13. No original: “Passa mão”.

vez por todas que eu não quero mais saber de histórias! Daqui a pouco fecharemos a casa, iremos embora para onde você quiser, deixaremos o país se achar conveniente, procuraremos no mapa um lugar em que não haja possibilidade de reencontros, e lá recomeçaremos, está ouvindo, você e eu, recomeçaremos tudo desde o instante em que nos encontramos no bar, você se lembra? Com o mesmo diálogo, com o mesmo silêncio, com o mesmo sorriso amargo, sempre sorriso. Por quê devo carregar uma culpa se já não é minha, se é de ontem, de ante-ontem, se é culpa de um dia que foi e já não é? Haverá um lugar em que tudo isso nada mais signifique, um canto em que não se exija o esquecimento, porque nenhum de nós precisa esquecer, mas onde se possa lembrar sem dor nem remorso; um monte, um vale, um topo de serra em que contará apenas aquilo que somos capazes ainda hoje, neste instante, em que tudo seja possível ainda para nós, até mesmo a renúncia a tudo. E se além disso, estrangeiros em qualquer parte, viveremos como estrangeiros, sem essa inútil busca de solo, porque também não deixa de ser uma forma de vida. Pense no bar, Helena, na prova de silêncio, na muda identificação, e procure um modo de reatar o que era promessa de calma. Então, então<sup>12</sup>, tudo se acietará; então seremos dois numa nova busca; então, talvez, o nosso diálogo se altere, e seremos dois a redescobrir coisas sabidas e desejadas.

Permanecem algum tempo enlaçados. Helena afasta-se e desembaraça-se. Caminha para a frente e para a esquerda.

HELENA — Já lhe disse uma vez que nem sempre me é possível acompanhá-lo em seus labirintos, talvez, porque no fundo, eu seja um pouco menos exigente do que julgava, e porque, no fundo, as coisas que eu desejava eram bem mais simples e elementares. (Pausa) E agora, pode me contar essa segunda história?

JONAS — (Quase sussurro) A verdadeira?

HELENA — Sim.

Pausa. Jonas recompõe-se do estado em que o deixara a última fala. Caminha para o interruptor, acende a luz. Passa a mão<sup>13</sup> pela cabeça, reajusta a roupa. Adquire novamente as feições e o tom do início da peça. Acende o primeiro cigarro. Senta-se numa poltrona, longe de Helena.

JONAS — Você quer abrir a porta da cômoda, a da esquerda? Esta mesma. Veja aí, na segunda prateleira há uma pequena sacola de couro. Você quer abri-la e retirar os objetos que encontrar? O que é que você encontrou?

HELENA — Um revólver, uma corda com o laço feito,

alguns frascos, uma seringa, ampolas, uma navalha. (Pausa) Era isto?

14. No original: “presentido todo”.

JONAS – Tinha-os sempre à mão. Aguardava o instante em que um destes me seria útil. (Pausa) Falta um punhal, que encontraram no corpo de Marcos. Também a ele mostrei tudo isto, antes de ser atacado, quando eu ainda tentava convencê-lo da inutilidade de seu gesto. (Pausa) Era um rapaz interessante, o Marcos, lamento-lhe a morte, mas vislumbrei nele alguma coisa de incomum. Disse que não o preocupava a utilidade do que resolveu fazer.

HELENA – Então vocês ainda conversaram?

JONAS – Foi uma conversa rápida. Marcos não me deu tempo de prolongá-la. E eu bem gostaria. Teríamos muita coisa a nos dizer, muita coisa útil para os dois.

HELENA – Devo concluir, além de tudo o que já aconteceu, Jonas, que há um certo cinismo no que diz agora?

JONAS – Não, não há motivos para isso, esse crédito você ainda pode me conceder. Sei que perdi você, sei que daqui a pouco vou me ver só novamente, e sei, também, que nada disso do que você tem entre as mãos me tentará mais. Até onde pode ir minha certeza de agora, sei ainda que fiz também mais uma conquista, um pouco como você com a sua decisão, a certeza de algo que já tinha mais ou menos presentido: todo<sup>14</sup> esforço para imprimir um novo rumo à minha vida é sempre anulado pela carga excessiva de tudo aquilo que pretendo lançar fora. Não há saída.

HELENA – (Ergue-se com os objetos na mão, e deixa-os sobre uma mesinha) Acho melhor sair agora, sem mesmo ouvir o resto. Até esse seu modo de falar já me irrita. Além do mais, não creio que o que você tem a contar altere a minha decisão.

JONAS – Como queira. Não, ao contrário, o que eu ainda tenho a contar reforçará o seu impulso. Acho, porém, que vale a pena conter a irritação por alguns instantes, e ouvir o que sua curiosidade tanto exigia.

Pausa. Helena permanece de pé, junto à porta.

Considero ainda tudo aquilo que vou dizer como simples enumeração de fatos, ou comentário sobre este ou aquele mais interessantes. Não há nenhuma intenção de justificativa, nem de artifício para atenuar a rudeza de um ato praticado. (Pausa breve) Ontem pela manhã eu comecei a narrar certas coisas ligadas à minha infância, àquilo que deveria ser a minha formação. Parei exatamente no momento em que estourou a guerra. Vivía, então, num desespero total, arrasado na penúria, embriagado, suportando companhias que me eram repugnantes, a um passo da sordidez, da degradação, sem essa calma neces-

sária para alimentar a minha angústia na solidão e na leitura. Eu precisava de um mínimo, um mínimo de ordem e de paz para aceitar tudo, mesmo com as dificuldades. E minha última dúvida foi decisiva: o que pretendia eu, ócios, conforto, atuação decisiva em algum grande empreendimento, saber-me útil? Mas tinha eu elementos para isso? Pode alimentar-se um ideal de vida quando se está enterrado na sordidez? Será autêntico esse desespero gerado por pequenos apetites não satisfeitos, preocupações mesquinhas? Talvez, quando se tem a coragem de ir ao fim, talvez na saturação do que nos repugna, do sórdido, haja um caminho para essa autenticidade, talvez. Mas nem esse mínimo eu possuía. Tudo em mim era inautêntico. Tudo, produto da desordem. Nem mesmo esse direito de especular eu tinha. (Pausa) Com a guerra duas soluções me apareciam: ou enfrentava a morte, lutando, ou aceitava o inimigo, a seu lado, e vivia. Como tudo aquilo não tinha sentido para mim, como havia um excesso de mortes e palavras empoladas para mascarar uma rotina de choques de interesses, e como me faltava o entusiasmo do santo ou do homem comum, estatelado diante do absurdo, para encomendar a minha alma a algum Deus, optei pela segunda solução. (Pausa) Colaborei com o inimigo, fiz o que ele me pedia que fizesse, e quando a guerra acabou não me foi difícil fugir, e desvencilhar-me dele. Havia sobrevivido. (Pausa) Ana e Marcos me conheceram então. (Pausa) Pode sair agora, Helena!

Pausa. Helena abalada fita-o com rancor. Recolhe os objetos deixados em cima da mesa e aproxima-se dele.

HELENA — Faça-o, faça-o agora! Uma vez pelo menos, uma vez, um gesto de coragem, um ato de nobreza, um impulso autêntico, como você diz, mas faça-o, vamos, escolha, escolha, mas porte-se ao menos com decência. Dê uma prova de que toda essa sua angústia não é infundada, justifique-a, coroe seu desespero com um gesto humano, um apenas, um só!

Lança-lhe os objetos no colo e sai correndo para a rua. De lá ouvem-se as vozes de Ana e Helena, como que em luta.

ANA — Para onde vai?

HELENA — Deixe-me passar!

ANA — Para onde vai?

HELENA — Deixe-me passar. Ana, deixe-me ir embora.

ANA — Não seja tola, vamos para dentro!

HELENA — Não posso, Ana, largue-me!

ANA — Para dentro, deixe de criancices!

HELENA — Impossível, Ana, impossível!

ANA – Vamos, por aqui, assim!

HELENA – Largue-me, Ana, largue-me!

ANA – Por aqui, cuidado! Olhe o degrau!

HELENA – Eu quero ir embora, Ana, quero ir embora!

ANA – Outro degrau, vamos!

HELENA – Deixe-me, Ana, deixe-me!

ANA – Basta de tolices! Cuidado! Vamos!

Surgem as duas na porta de entrada. Helena debate-se e tenta fugir. Ana segura-a com firmeza e arremessa-a para o meio da sala.

HELENA – Eu não posso mais ficar aqui! Eu não posso mais ficar aqui! Tenho nojo de tudo, tenho nojo de mim! Deixe-me sair, Ana!

ANA – Para onde você vai, para onde?

HELENA – Ana, eu sei de tudo, eu agora sei de tudo, não ignoro mais nada, deixe-me passar, Ana!

ANA – O que é que você sabe?

HELENA – A história toda, tudo imundo, tudo sórdido. Ele me contou, Ana, ele me contou. Você se lembra de ante-ontem à noite? Você me falou de um cavalo cego! Esse cavalo sou eu! Esse cavalo sou eu!

ANA – Mas que história, menina! Não, não é só você, todos somos uns cavalos cegos, mas basta por agora! Se quer sair, saia, mas para onde, para onde? O que pretende fazer ainda? O que pretende conquistar ainda? Sair à procura de quê? Sair de quê? Fazer o quê?

HELENA – Ana, o que houve com você?

ANA – Comigo nada houve.

HELENA – Ana, depois de tudo o que aconteceu, é você, você quem me fala assim?

ANA – Por quê devo falar de outro modo?

HELENA – (Força a passagem) É tudo tão sórdido! Tão sórdido! Deixe-me passar!

ANA – BASTA! (Obriga-a a recuar) Basta de tolices! Só há uma história, a verdadeira para nós, agora, ou a partir de agora! (Pausa) Com a morte de Marcos, Jonas, estou em situação difícil, trabalhar também não me é possível, e não conheço ninguém a não ser vocês dois. (Pausa) Gostaria de vir morar com vocês, ou melhor, já decidi, tenho alguns pacotes lá fora, roupas e outras coisas. (Pausa) Sei que não será difícil arranjar um canto numa casa tão grande, e vocês não têm filhos! (Pausa) Antes de chegar aqui passei pela Polícia, faltava o meu depoimento. Com ele, e com a minha presença aqui o caso será

encerrado rapidamente. Disse que sabia do plano de Marcos, que ele de vez em quando exaltado com as dificuldades, me dizia que pretendia fazer o que tentou, disse ainda que conhecia os dois, e que você, Jonas, seria incapaz de matá-lo a não ser que se visse obrigado a isso. (Pausa) Não foi isto de fato o que aconteceu? (Pausa) É porisso que ia fugir, é porisso que ainda pretende sair? Não é fácil andar lá em baixo com um pacote debaixo do braço e desorientada. Ainda é domingo de Carnaval, as ruas estão intransitáveis, e a não ser que se tenha a curiosidade de ver a cantoria e as danças, não é lá muito agradável perambular por aí. (Pausa) É isso que acha tão sórdido?

HELENA – (Senta-se) Creio que só agora começo a compreender certas coisas.

ANA – (Senta-se) Se o que deseja é calma, paz, não procure compreender nada, Helena! (Pausa) Você poderia mandar servir um chá, Jonas!

Pausa. As duas mulheres observam Jonas. Este não tira os olhos de Ana.

JÚLIA – (Vem do interior) O sr. chamou, Dr. Jonas?

JONAS – (Ainda indiferente) Lá fora estão uns pacotes de dona Ana. Traga-os para dentro, e prepare um quarto. Dona Ana vai morar aqui agora. (Júlia atravessa a sala) Depois, pode servir o chá, Júlia! (Júlia sai)

Pausa. Grilos. Cigarras.

## PANO